

**CONVERSAÇÃO E PODER: UMA ESTREITA RELAÇÃO EM SALA DE AULA.** Ana Paula Dias, Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo.

**Resumo:** Quando interagimos através da linguagem temos sempre objetivos a serem atingidos, queremos atuar sobre o outro de determinada maneira (Kock, 2004). Um dos principais mecanismos utilizados para obtenção dessas metas é o poder que cada ser humano possui em seu espaço. Como a sala de aula é um ambiente onde todos possuem um papel social, com funções pré-determinadas, o professor, normalmente, controla e dirige sua fala através do poder que lhe é incumbido institucionalmente. Ele precisa explicar conceitos com clareza, compartilhar informações e motivar a reflexão a partir desses conceitos e informações. Mas, muitas vezes, ele pode não atingir seus objetivos e ao mesmo tempo sofrer várias interrupções dos alunos, o que coloca em jogo as relações de poder e solidariedade entre eles (Silva, 2005). Este trabalho visa analisar algumas estratégias que promovem ou não esta interação entre professores e alunos em aulas universitárias.

**Palavras-chave:** interação, conversação, poder, solidariedade.

**Seminário do 16º COLE vinculado:** 11 - V Seminário: "Ensino de Língua e Literatura" Coordenador - Luiz Antônio da Silva (APLL)

**Considerações Iniciais**

Segundo a Teoria da Atividade Verbal, desenvolvida na antiga URSS, a linguagem é uma atividade social realizada com vistas a um determinado fim. Desta forma, a atividade lingüística é composta por um enunciado, produzido com uma dada intenção, sob certas condições ao alcance do objetivo visado e às conseqüências da realização desse objetivo. Koch (2004), também afirma que quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos a serem atingidos; existem relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos a desencadear, ou seja, sempre queremos atuar sobre o outro de determinada maneira. Por isso procuramos dotar nossos enunciados de força argumentativa.

De acordo com Perelman (2004), existe uma teoria que visa ao estudo das técnicas discursivas, as quais objetivam provocar ou aumentar a adesão de mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento. Examina as condições que permitem o início e desenvolvimento da argumentação, assim como os efeitos produzidos por ela. Koch (2004), ainda afirma que esta argumentatividade está presente em todo uso da linguagem humana, permeando todo tipo de texto e não apenas aqueles classificados como argumentativos. Ou seja, não há texto neutro.

Mikhail Bakhtin diz que a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Essa interação ocorre através da conversação, que de acordo com Marcuschi (1986), é uma das primeiras formas de linguagem a que estamos expostos e talvez a única da qual nunca abdicaremos. É uma prática social pela qual se expressam e realizam outras práticas. Ela possibilita o trabalho cooperativo e implementa as relações sociais. E em nossas relações, como foi dito, sempre há um objetivo a ser alcançado. E um dos principais mecanismos utilizados para obtenção dessas metas é o poder que cada ser humano possui em seu espaço.

O poder, visto em seu sentido mais amplo, faz parte de nossas relações sociais, seja em uma dimensão pública ou privada. Quando o poder não é o objetivo principal da interação, os falantes se esforçam para deixarem implícitos seus papéis sociais e assim manterem um certo equilíbrio na interação. Mas, mesmo assim, traços de

desigualdade sempre são deixados no discurso, e este poder subjetivo sempre é relativo e negociável.

Van Dijk (apud Silva, 2005:28), afirma que dominação e poder são concretizados pelos grupos e estruturas sociais. O controle dos grupos dominantes resulta na limitação de liberdade dos dominados, assim como do acesso à posição, ao status, ao privilégio, ao conhecimento e à educação.

*Desta maneira, pais, chefes e professores, em geral, simplesmente, pedirão ou sugerirão aos subordinados que façam algo por eles, sem nenhuma ameaça explícita; o poder, precisamente, consiste no fato de que os subordinados tenderão a obedecer para evitar consequências negativas. (Van Dijk, 2000:42)*

A sala de aula é um ambiente onde todos possuem um papel social, com funções pré-determinadas. O professor, normalmente, controla e dirige o turno através do poder que lhe é incumbido institucionalmente. Ele precisa explicar conceitos com clareza, compartilhar informações e motivar a reflexão a partir desses conceitos e informações. Mas, muitas vezes, ele pode não atingir seus objetivos e ao mesmo tempo sofrer várias interrupções dos alunos, o que coloca em jogo as relações de poder e solidariedade entre eles.

Tendo como base as teorias relatadas acima, faremos neste trabalho um breve estudo sobre as relações de poder na conversação, sobre o conceito de turno e também a respeito do poder no discurso acadêmico. Para melhor exemplificação, utilizaremos a transcrição de uma gravação de uma aula universitária, da qual retiraremos trechos que acentuem os pontos principais dos textos debatidos.

## **Aparato teórico e análise do corpus**

### **1. Considerações sobre conversação**

O primeiro ponto que devemos entender para efetuar esta análise é o conceito de conversação. De acordo com Tauste (2000), a conversação é uma produção conjunta, interpessoal, que tem lugar e tempo reais e que implica um *feedback*, requerendo participação ativa e empatia. Locutor e interlocutor são unidos pela tarefa comum de produzir conjuntamente sua conversação, combinando interesses e fins de acordo com o contexto. Formamos assim as Relações Interlocutivas.

Em uma citação de Bange (apud Koch, 2004:75), encontramos que a conversação é vista como a forma base para a organização das atividades da linguagem, pois ela é a forma da vida cotidiana, interativa e situacional. Já Galembeck (2003:65), diz que uma das características mais evidentes da conversação é o fato dos interlocutores alternarem-se nos papéis de falante e ouvinte, os quais estão em permanente troca.

Mas de qualquer forma, todos estes autores concordam que a conversação é organizada em turnos estes vêm dados pela troca de falantes e suas intervenções, que se agrupam em intercâmbios (mínima unidade dialogal), os quais formam seqüências (conjunto de intercâmbios que compartilham o mesmo tema ou finalidade).

### **2. Considerações sobre turno**

Entendamos agora a definição de turno. Para Paúls (apud Silva, 2005:60), turno é uma unidade estrutural limitada pela troca de papéis conversacionais. Cada vez que

um falante faz uso da palavra em um encadeamento dialógico, há um turno. De acordo com o grupo Val. Es. Co., turno é uma forma de regularização social da conversação. Galembeck (2003:70), afirma que a idéia de turno está ligada às várias situações em que os membros de um grupo se alternam na consecução de um objetivo comum. Já Fávero, Andrade e Aquino (2005), definem turno como a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo sua possibilidade de silêncio.

Antonio Briz, que faz parte do grupo Val. Es. Co. da Espanha, conceitua a palavra **turno** como sinônimo de **ordem**; um mecanismo de ordem na vida e na linguagem. Deste ponto de vista, o turno é uma sucessão estabelecida ou prevista para fazer, dizer ou receber algo, um mecanismo de regulamentação social em qualquer interação. Para ele, a conversação é uma manifestação própria da interação lingüística, regulada a partir da ordem social, onde a alternância de fala não é prevista nem estabelecida previamente. Assim, a conversação é caracterizada como um discurso: oral, dialogal, imediato e cooperativo.

**Internamente**, a conversação se organiza em unidades **monologadas inferiores** (Ato de fala, Intervenção); e em unidades dialogadas superiores (Intercâmbio e Diálogo). **Externamente**, possui **Turnos de Fala**.

Briz (2000) sugere algumas questões para o entendimento de turno, e diz que este será o lugar de fala constituído por emissões informativas, reconhecidas pelos interlocutores mediante sua atenção manifesta e simultânea. O limite do turno seria o final da intervenção iniciativa de um falante.

Exemplo:

**A-Força sobre área?**

**P-Força sobre área?** *Se eu to querendo calcular a pressão no fundo do tanque ta?...é muito claro que a área é a área do fundo... e qual a força que tá agindo nessa nessa superfície A...? no fundo do tanque?*

**A-Peso do fluido.**

**P-o peso do fluido?... então essa pressão P é o peso do fluido**

**A-dividido pela área.**

(Neste trecho os participantes aceitam o turno, pois interagem através de perguntas e respostas)

- Quem tem o turno? O participante que é aceito no papel de falante pelo resto dos interlocutores.
- Como ceder o turno a um interlocutor? Esta seria uma alternância ideal, onde o falante **A** seleciona, direta ou indiretamente, um falante **B**, com recursos verbais ou extraverbais.
- Quando se cede o turno a qualquer um? Normalmente, o falante que abandona o turno, o cede selecionando o novo interlocutor. Mas há casos em que isso não ocorre de maneira seletiva, e qualquer outro falante pode ter o turno.

Exemplo:

**P-Então se eu tiver um tanque do tamanho dessa sala... chega até o teto o fluido e tem uma determinada pressão no fundo...se eu tiver um tubinho de um centímetro de diâmetro, mas com a mesma altura da sala... cheio do mesmo fluido a pressão dentro do tubinho é a mesma não é? Isso aí tá claro pra todo mundo?**

**A-Tá**

(Aqui não se sabe qual aluno respondeu, pois o professor lançou uma questão para sala onde qualquer um poderia tomar o turno para responder.)

- Quando ocorre assalto ao turno? Quando participantes da interação se auto selecionam sem que o falante atual tenha cedido seu turno.

Exemplo:

*P-Então a pressão depende... da característica do fluido... peso específico...e da altura da coluna líquida...certo? bel...*

*A- Professor...*

*P- oi?*

*A-Como faz pra calcular a pressão na lateral?*

(Fica claro que professor ia continuar falando, mas o aluno com uma dúvida o interrompe, assaltando seu turno.)

Este último item pode provocar desajustes na tomada de turno, como, por exemplo, sobreposição de vozes. Neste caso, Briz (2000) propõe três alternativas para acabar com o conflito:

- Que um dos falantes ceda
- Que o suposto “ladrão” do turno reconheça que seu ato foi desapropriado e volte atrás
- Que um dos participantes admita o “ladrão” como um novo falante e gere uma “cisão conversacional”, produzindo assim dois diálogos diferentes.

Antonio Briz ainda ressalta que a alternância de fala em ma conversação é regida por princípios de cooperação e relevância.

Exemplo:

*P-Precisa da altura, ou da distância entre o que e o que? Entre o ponto onde você quer calcular e a superfície do fluido .. é isso?*

*A-É*

*P-E eu conheço ele no caso?*

*A-Não.*

*P-E aí como é que faz?*

*A- (vozes simultâneas)*

*P-Ein? Vou chamar ele de X ..... quem é a pressão um aí então pessoal? Ta aberta à atmosfera, pressão atmosférica,*

*A-Zero.*

(A cooperação aqui é feita através de perguntas lançadas pelo professor no intuito da participação efetiva dos alunos, que correspondem.)

Devemos ter em mente que quando duas pessoas falam entre si, começa um jogo de relações objetivas de suas competências, e criam-se marcos de referência que são dados meta-comunicativos que classificam a situação de fala e o papel dos interlocutores. A distância/proximidade entre estes depende do grau de conhecimento mútuo, seus vínculos afetivos e o contexto em que se encontram.

Exemplo:

*P-Então a pressão depende... da característica do fluido... peso específico...e da altura da coluna líquida...certo? bel...*

**A-** Professor...

**P-** oi?

(Neste exemplo notamos um certo distanciamento deste aluno, pois chama o professor pelo nome, e sim pelo próprio termo “professor”, apesar de durante a aula o próprio professor tentar quebrar essa distância.)

### **3.Principais indicadores da relação entre interlocutores para medir a distância entre estes**

**a)verbais:** tratamento, rotina lingüística, tema, nível de linguagem, atos de fala, relação léxica.

Exemplo:

**P-Pessoal!** *Então pessoal, exercício um ... página.... oitenta e seis da apostila. É um tanque, certo? Cheio d'água , você tem um determinado ponto aqui chamado de um no interior do fluido , tem um ponto dois no interior do fund... do fluido, e entre eles uma distância de um metro , aberta a atmosfera, tá? O peso específico dele , desse fluido, no caso a água, dez mil...*

(Já neste exemplo notamos o professor tentar acabar com a distância dada pela sua posição com os alunos, usando termos como “pessoal”).

**b)paralingüísticos:** entonação, volume e tom de voz, ritmo, rapidez dos encadeamentos, timbre.

**c)cinésicos ou proxêmicos:** postura, expressão facial, distância física, posição de objetos do ambiente, orientação do corpo, olhar, intensidade dos contatos físicos, oculares.

**d)contextuais:** situação espaço-temporal, tipo de discurso, fatores sócio-culturais, papel, posição, fatores psíquico-cognitivos, estilo.

Pode parecer que fatores sócio-culturais são os principais responsáveis à adoção de determinadas estratégias de comunicação. Mas todos estes “signos de vínculo” (terminologia dada por Goffman) são contextualizadores para os participantes.

As palavras possuem muito pouca informação explícita em si, e podemos explicar o que está subentendido nas mensagens levando em conta dados comunicativos como:

- A heterossexualidade do outro, sua intenção, disponibilidade e igualdade interlocutiva.
- A afinidade, que transforma um contato social em pessoal.
- Valor elocutivo do intercâmbio, que as palavras não expressam indiretamente ou mediante implicaturas.

Como então nos entendemos? Segundo Sperber e Wilson (apud Tauste 2000:184), o homem é equipado cognitivamente para interpretar enunciados a partir de uma cadeia de inferências.

A desigualdade social é um fato que não podemos descartar, por isso espera-se que o falante adapte sua linguagem e mensagem de acordo com o papel social do outro, mantendo assim, um certo equilíbrio e evitando possíveis conflitos.

### **4.Conceito de poder**

Para Tauste (2000), o poder é um evento social e comunicativo; é o extremo de um *continuum* e graus diferentes de assimetria. Ela separa o poder em 2 tipos: poder constituído (fora do discurso) e poder dentro do próprio discurso. Dentro do primeiro,

estamos, de alguma maneira, colocados em alguma posição, com as responsabilidades e obrigações deste “cargo”.

Poder também é visto como controle (capacidade de controle) sobre o outro, o que não é suficiente para justificar o comportamento comunicativo dos seres humanos. Existe uma série de negociações no interior do discurso, e assim podemos encarar o poder no âmbito comunicativo como a “medida da capacidade de alguém para obter ou manter objetivos através do discurso” (Kedar, apud Tauste 2000:188).

Exemplo:

*P-São três forças, eu conheço duas... eu calculo a terceira... então como ta em repouso... ou equilíbrio... como vocês preferirem... a somatória de forças na peça é igual a zero... é isso?*

*A-Certo*

*P-Vamo adota um sentido aqui, um positivo e outro negativo?*

*A-Direito positivo... esquerdo negativo*

*P-Pra lá positivo? Então  $F$  dois mais  $F$  quatro*

*A-Igual  $F$  três*

(Para resolver este exercício, o professor pede diretamente a ajuda dos alunos, para que eles rotulem os sentidos das forças encontradas no exercício da maneira que pensem ser a mais fácil para resolvê-lo.)

O poder constituído é o primeiro marco de nossas relações comunicativas, mas nossa capacidade lingüística é que vai permitir que atinjamos nossos objetivos ou não.

## **5. Critérios que identificam as relações na interação**

- Papel dos interlocutores
- Posição que um tem sobre o outro

Em nossas conversações do dia-a-dia, surgem marcas de nossa realidade subjetiva, e o poder que podemos ter na interação está diretamente ligado a fatores como: idade, sexo, personalidade, classe social, cultura. Quando os papéis e posições dos indivíduos entram em contradição ou são incompatíveis, podem surgir problemas comunicativos que resultam em: transgressões, desafios, desajustes, mal entendidos, o que vai requerer estratégias de ajuste e marcas de poder.

Esses ajustes pedem o reconhecimento próprio e do outro, pois o poder exercido é sempre subjetivo e relativo, e por isso, precisa ser interpretado para não gerar discrepâncias. Se meu interlocutor decide me ignorar e não reconhecer minha posição, meu poder cai e perde efeito, não só na conversação como também em minha vida.

Mas também devemos lembrar, como afirma Tannen (apud Tauste, 2000:200), que “quando as pessoas cumprem papéis diferentes, não necessariamente um tem poder e outro não, pois existem diferentes classes de poder, e diferentes meios de exercê-lo.” Da mesma forma que não usar o poder não significa não tê-lo.

Tauste (2000) sugere uma classificação de marcadores diversos que indicam o domínio do “poder” na conversação:

### **5.1 Marcadores de posição e poder na estrutura conversacional (de interação)**

- A fala assegura o domínio da conversação
- Normalmente quem tem mais poder inicia a conversação;

- O domínio da conversação depende das técnicas de reversão interlocutivas ou sistema de turnos.

## 5.2 Marcadores de posição derivados dos temas e conteúdos da conversação

- Quem controla o tema controla a interação, porque o tema tem o poder de dirigir e prender a atenção dos participantes. Porém, nem sempre quem tem atenção tem o poder;

Exemplo:

*P-O fato de eu ter no segundo uma pressão aplicada ali na superfície. Só que o que... que você conclui com isso? Que a pressão varia entre dois pontos da mesma forma, tendo você uma pressão aplicada a superfície ou não. Então a variação de pressão entre esses dois pontos... é devida única e exclusivamente a ... ao peso da coluna de fluido denso correto? Então vamo fazer um exercício de verdade agora? Copia esse daí que eu vou precisar da lousa pra desenhar. .... vamo lá...*

*P2-"L." da licença...*

*P-Maneira aí pessoal...*

*P2-pessoal, a aula de laboratório de mec flu será as sextas feiras nas duas ultimas aulas... serão quatro semanas de aula, então uma semana pra cada turma... começando a partir de amanhã... ok?*

(Neste momento da aula, o coordenador do curso interrompe a aula para dar um recado, mas mesmo tendo um cargo mais alto que o professor, naquele momento não é o principal detentor de poder da situação, pois quem exerce mais poder sobre sua sala de aula é sempre o professor.)

- Os temas podem ser introduzidos ou concluídos por um participante, o que lhe confere poder e posição superior;

Exemplo:

*P- Pessoal... teoria nova hoje...tá...o princípio de Stevin... que vai permitir pra gente calcular pressões no interior de um fluido ta... pressões devido ao peso desse fluido... então...considere...um reservatório... com a superfície aberta à atmosfera...*

[ ]

*P-Valendo a saída...*

(Na aula o professor inicia e fecha a conversação.)

- Um tema pode favorecer um dos locutores, por ser de seu território conversacional, ou interesse pessoal, o que lhe dará vantagem na conversação e facilitará o alcance de seus objetivos.

Exemplo:

*P- Pessoal... teoria nova hoje...tá...o princípio de Stevin... que vai permitir pra gente calcular pressões no interior de um fluido ta... pressões devido ao peso desse fluido... então...considere...um reservatório... com a superfície aberta à atmosfera...*

(Sem dúvida alguma a teoria a ser tratada na aula ainda não é conhecida pelos alunos, mas apenas pelo professor, o que facilita seu domínio sobre os turnos e lhe dá habilidades para desenvolver o tema.)

### 5.3 Marcadores de posição na forma e na interação

- Fica em posição maior quem impõe ao outro o estilo das trocas;
- Conseqüentemente é imposto o tipo de interação.

### 5.4 Marcadores paralingüísticos de posição

- Volume da voz;
- Manejo intencional do silêncio;
- Rapidez dos encadeamentos e intervenções;
- Alargamentos vocálicos indicam insegurança;
- Vocalizações de caráter fático indicam pedido de atenção;

Exemplo:

*P-Pessoal, vamo lá? Shiuuuu... pessoal, tem um sisteminha todinho aí pra você fazer... certo? Alguém me dá uma sugestão aí?*

(Uso da interjeição “shiu”, alongada, para chamar a atenção.)

- Ritmo muito rápido sugere confusão e falta de argumentos, o que pode exigir repetição do que foi dito.

### 5.5 Marcadores não verbais de posição (cinésicos e proxêmicos)

Postura, gestos, distância física, duração e tipo de contatos físicos e visuais são codificados culturalmente e por isso variados.

### 5.6 Marcadores de posição verbais

Eleição das formas de tratamento, estratégias de cortesia, atos de fala, ironia (12), eufemismos, perguntas, **diminutivos**, argumentação. Todos estes dados têm valor relativo.

Exemplo:

*P-Cópia esse aí... vou fazer mais dois ainda... esse e mais um... então eu vou fazer o dois e o três .. depois tem ate a página cento e..... um domingo depois que vocês almoçarem com a mamãe ...*

*Risos...*

(Neste trecho fica nítida a tentativa de descontração através do uso de ironia pelo professor.)

(E também temos diversos usos de diminutivos ao longo de toda a aula, buscando sempre uma aproximação entre professor e alunos, como: *um*

**reservatoriozinho**, **agazinho**, **tubinho**, **compressorzinho**, **uns exerciciozinhos**, dois **minutinhos**, ta **hachuradinho**, a **menorzinha**, Um **pouquinho**, **Tranqüilinho**?)

### 5.7 Marcadores psico-sociais e culturais de posição

Qualquer dado é suscetível de valorização social e pessoal, o que condicionará a interação do discurso. Nossas idéias, sentimentos, preconceitos, história, cultura, faz com que formemos princípios de valor acerca da identidade social do interlocutor.

## 6. O estilo do discurso na negociação

Aspectos que variam de acordo com os hábitos sócio-culturais de comportamento comunicativo como: imagem, território, distância, poder e solidariedade. A negociação é feita de forma indireta, caso contrário, seria rompida:



- Você não ataca o outro diretamente
- Sua posição é colocada indiretamente
- As perguntas não são interrogativas diretas
- Uso de termos que deixam a informação subjetiva

As interrupções podem ser interpretadas de formas distintas, dependendo do contexto, situação e pessoa. Quando cooperativa, a interrupção pode ser interpretada como sinal de solidariedade. Mas de qualquer maneira, do ponto de vista de quem interrompe, sempre haverá manifestação de poder, pois o objetivo é manter seu status, sua imagem pessoal.

Exemplo:

*P-Então a pressão depende... da característica do fluido... peso específico...e da altura da coluna líquida...certo? bel...*

*A- Professor...*

*P- oi?*

*A-Como faz pra calcular a pressão na lateral?*

*(Nesta interrupção o aluno coloca em risco a face do professor, pois lança a este uma pergunta, testando, desta forma, seus conhecimentos. Aqui então não é vista como forma de cooperação.)*

*P-P um já tem né... então P dois...isso aqui ta aberto pra atmosfera né...*

*A-Tá*

*P-Então eu tenho força agindo aqui atrás do pistão?*

*A-Não*

*P-Não né? Que mais que eu tenho? Tenho uma pressão P quatro aqui?*

*A-Tem*

*P-Agindo nessa superfície aqui ó...*

*A-Isso*

*P-Então eu tenho uma outra forçazinha aqui?*

*A-Tem*

*P-Uma força... batiza aí...*

*A-F quatro*

*(Neste trecho já ocorrem várias interrupções, mas em caráter cooperativo, e de certo modo induzidas pelo professor, o que não coloca sua face em risco.)*

### **Considerações Finais**

De acordo com Fiorin (2004), a finalidade última de todo ato de comunicação não é apenas informar, mas sim persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, a comunicação é um complexo jogo de manipulação, com o objetivo de fazer o enunciatário crer naquilo que transmite. A linguagem é sempre comunicação, mas na medida em que é produção de sentido, essa produção é feita através de procedimentos lingüísticos e lógicos que constituem a argumentação.

Neste trabalho fizemos um breve estudo das relações de poder na conversação, assim como da relação da posse e manutenção de turno durante o ato conversacional. Traçamos um paralelo com a transição do poder e solidariedade em sala de aula, e como os marcadores verbais ou extra-verbais contribuem na manutenção dessa interação em sala de aula.

Notamos, assim, a importância do desenvolvimento de estudos nessa área para que possamos melhor compreender as relações de poder, tanto em sala de aula,

quanto em situações (in)formais do dia a dia, e quais os resultados que esses tipos de relações podem ter: benéficos ou não para que os locutores atinjam seus objetivos.

*“Se é exato que falamos através de textos, isto é, se os discursos constituem o objeto adequado da lingüística; se de outro lado admitimos que a língua é um meio de resolver os problemas que apresentam constantemente na vida social, então a conversação pode ser considerada a forma de base de organização da atividade de linguagem, já que ela é a forma da vida cotidiana, uma forma interativa, inseparável da situação.” (Bange, apud Koch, 2004:75)*

## Referências Bibliográficas

BRIZ, A. **Turno y alternancia de turno de la conversación**. Revista Argentina de Lingüística 16: 9-32, 2000.

FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. C. V. O., AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FIORIN, J.L. **Elementos de análise do discurso**. Análise de textos: 2º grau e vestibular. Como aproveitar a leitura. A produção do texto literário. São Paulo: Contexto, 2004.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

KOCH, I.V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PERELMAN, C. Retóricas. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Interação na fala e na escrita**. 2.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

\_\_\_\_\_. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2005.

TAUSTE, A. M. V. **Las relaciones de poder en la conversación**. Revista Argentina de Lingüística 16: 175-211, 2000.

SILVA, L. A. **A língua que falamos**. Português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poder y solidaridad en el discurso académico**. Actas Del V Congresso de Lingüística General.